

## **Terapia ocupacional, dança, pintura e expressividade: favorecendo espaços de encontro para adolescentes em abrigo institucional**

### **Occupational therapy, dance, paint and expressivity: favoring encounter spaces for adolescents in institutional care**

DOI:10.34119/bjhrv4n2-232

Recebimento dos originais: 30/02/2021

Aceitação para publicação: 30/03/2021

#### **Heloisa Maria Bento Costa**

Terapeuta ocupacional UFS  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)  
Rua Miron de Oliveira Ribeiro 245, Santo Antonio, Aracaju –SE  
E-mail: [heloisambcosta@gmail.com](mailto:heloisambcosta@gmail.com)

#### **Maria Adriely Cunha Lima**

Graduanda de Medicina  
Universidade Tiradentes (UNIT)  
Rua Euclides Paes Mendonça 957, Mamedes Paes Mendonça, Itabaiana –SE  
E-mail: [mariaadrielycunha@hotmail.com](mailto:mariaadrielycunha@hotmail.com)

#### **This Souza Santos**

Terapeuta ocupacional  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)  
Rua Joao Vieira 50, Itagira, Salvador –BA  
E-mail: [this.souza.ts98@gmail.com](mailto:this.souza.ts98@gmail.com)

#### **Raphaela Schiassi Hernandes**

Doutora em Saúde Pública. Professora da Universidade Federal de Sergipe (UFS)  
Rua estrada da luzia 920, Luzia, Aracaju –SE  
E-mail: [rapha\\_to@hotmail.com](mailto:rapha_to@hotmail.com)

#### **Halley Ferraro Oliveira**

Professor da Universidade Tiradentes (UNIT) e da Universidade Federal de Sergipe (UFS)  
Praça Pedro Manoel Garcia Moreno 170/1201, Grageru, Aracaju-SE  
E-mail: [halleyoliveira62@gmail.com](mailto:halleyoliveira62@gmail.com)

#### **Tiago Almeida Costa**

Graduando de Medicina; Universidade Tiradentes (UNIT)  
Praça Pedro Manoel Garcia Moreno 170/1201, Grageru, Aracaju-SE  
E-mail: [tialmeidac@gmail.com](mailto:tialmeidac@gmail.com)

#### **Ana Maria Menezes de Souza**

Residente em Saúde da Família  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)  
Rua José Avelino de Oliveira, 168, Simão Dias- SE  
E-mail: [anamariamenezesdesouza@hotmail.com](mailto:anamariamenezesdesouza@hotmail.com)

**Lavínia Teixeira Machado**

Pós-doutora em Psiquiatria; Professora da Universidade Federal de Sergipe (UFS)  
E-mail: teixeiramachado@icloud.com

**RESUMO**

Introdução: As atividades expressivas, como dança e pintura, são recursos potenciais utilizados pelo terapeuta ocupacional para alcançar objetivos diversos, transformando as expressões do sujeito e reorganizando o sentido de sua existência. Objetivos: tem como objetivo geral discutir a intervenção do terapeuta ocupacional utilizando a dança e a pintura como recursos terapêuticos, no contexto da institucionalização com grupos de adolescentes; e objetivos específicos: descrever autoestima e expressão dos adolescentes em situação de abrigo após os grupos de terapia ocupacional e descrever o significado dos grupos de terapia ocupacional para eles. Métodos: trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e intervencionista, realizada na sede de serviço de acolhimento para adolescentes no município de Lagarto, Sergipe. Foram realizados dez encontros, uma vez por semana, com duração de 2 horas, durante um período de três meses, compostos por atividades de dança e pintura, nos quais foram coletadas informações dos participantes do estudo. Resultados: Seis adolescentes participaram da pesquisa (três do sexo masculino e três do sexo feminino). No decorrer dos encontros foi possível observar mudanças no comportamento dos participantes, ao longo das atividades conseguiram se expressar melhor por meio da dança e das pinturas, visto que na maioria das vezes a expressão e a autoestima são prejudicadas por todo o processo que o adolescente em abrigo institucional vivenciou e continua vivenciando. Conclusão: As intervenções do terapeuta ocupacional podem contribuir para a emancipação dos sentimentos que permitiram os adolescentes em abrigo institucional se expressarem melhor, expondo desejos e medos por intermédio das expressões artísticas propostas, facilitando as relações interpessoais entre os adolescentes através das atividades expressivas.

**Palavras-chave:** Acolhimento institucional, Dança, Pintura, Terapia Ocupacional.

**ABSTRACT**

Introduction: Expressive activities, such as dance and painting, are potential resources used by the occupational therapist to achieve different goals, transforming the subject's expressions and reorganizing the meaning of their existence. Objective: main objective is to discuss the intervention of the occupational therapist using dance and painting as therapeutic resources, in the context of institutionalization with groups of adolescents; and specific objectives: to describe self-esteem and expression of adolescents in a sheltered situation after the dancing and painting therapy groups, and describe the meaning of occupational therapy groups for them. Methods: this is a qualitative, descriptive interventionist research, carried out at the shelter institutional service for adolescents in Lagarto city, Sergipe. Ten meetings were held, once a week, lasting 2 hours, over a period of three months, consisting of dance and painting activities, in which information was collected from the study participants. Results: Six adolescents participated in the research (three boys and three girls). During the meetings it was possible to observe changes in the participants behavior, throughout the activities they were able to express themselves better through dance and paintings, since in most cases expression and self-esteem are impaired by the whole process that the adolescent in institutional shelter experienced and continues to experience. Conclusion: The occupational therapist's interventions can contribute to the emancipation of the feelings that allowed adolescents in shelter institutional to express themselves, exposing desires and fears through the proposed

artistic expressions, facilitating interpersonal relationships between adolescents through expressive activities.

**Keywords:** Institutional care, Dance, Painting, Occupational Therapy.

## 1 INTRODUÇÃO

A família é o primeiro e o principal meio de socialização do ser humano, nela aprende-se princípios, os quais desde a infância são fundamentais para um bom convívio em sociedade. Ferreira (2014, p. 143) aponta que: “o ambiente familiar está entre os principais fatores para o desenvolvimento de atividades cognitivas e não cognitivas da criança. Assim, crianças que crescem em ambientes saudáveis tendem a ter um desenvolvimento pleno das suas capacidades”. Logo, quando há interferências na relação familiar, o desenvolvimento desta criança estará comprometido causando dificuldades e prejuízos no futuro.

Experiências hostis podem acarretar em desenvolvimento atípico oriundo de dificuldades no desenvolvimento físico, emocional e cognitivo, que podem durar toda vida, prejudicando a capacidade de realização e a produtividade (CAVALCANTE; MAGALHÃES; REIS, 2014). Isto se dá pelo fato de que a criança na primeira infância está mais receptiva aos estímulos, já que ela se encontra no momento de formação de conhecimentos sobre o ambiente a sua volta. Vários fatores podem interferir na relação familiar e concomitantemente no desenvolvimento da criança, como problemas de disciplina e abusos físicos e sexuais (FERREIRA, 2014), causando sua evasão do seu ambiente familiar.

A partir da década de 80, a violência e os maus tratos contra as crianças e adolescentes passaram a receber mais atenção. De acordo com Brito et al. (2005), nesta década começaram a surgir os primeiros programas específicos para atendimento desta problemática, previsto no artigo 87, inciso III, lei 8.069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”. Assim, quando um desses direitos é violado, por um ou mais fatores, a criança ou o adolescente pode ser institucionalizado.

Os prejuízos com a institucionalização estão muito relacionados com o tempo que os jovens se mantem institucionalizados, pois se o período for muito grande pode

ocasionar em ruptura definitiva dos vínculos familiares. Decorrente desse processo de ruptura de seu vínculo primário, a criança e o adolescente em situação de abrigo passarão por um processo de readaptação ao ambiente, às pessoas e aos funcionários que estão na instituição. O abrigo terá papel importante fazendo parte da rede de apoio social e afetivo para esta pessoa advinda de um ambiente familiar não favorável (CAVALCANTI; MAGALHÃES; PONTES, 2007).

Os sentimentos de exclusão, frutos da perda do convívio familiar e afetivo, podem perdurar por longo tempo, sendo que todo abandono condiciona sentimentos de agressividade, angústia e autodesvalorização (SAAD; VILLAREAL, 1991). A situação de abandono pode acontecer antes mesmo da separação física, já que o abandono afetivo geralmente antecede o físico, o qual pode ser considerado como incapacidade dos cuidadores protegerem, supervisionarem e suprirem as necessidades dos filhos (NOAL; NEIVA-SILVA, 2007).

Para Galheigo (2003, p. 86), os abrigos devem ser espaços de acolhimento e cuidado que substitua a família, de promoção e reconstrução de laços afetivos e que proporcionem qualidade de vida. Eles assumem um papel central na vida desses jovens, por isso é necessário investir neles, de forma a transformar as concepções socialmente estabelecidas, permitindo uma possível melhora nas suas diferentes dificuldades e ausências. De acordo com Yunes et al. (2004) a institucionalização pode ou não se constituir risco para o desenvolvimento, isso vai depender muito da interferência com a sua história pregressa.

A questão central é como fazer desse espaço um real local de morada, em que crianças e adolescentes possam viver protegidos, com oportunidades de desenvolvimento pleno e com direito à autonomia e à participação social até que retornem às suas famílias de origem ou sejam encaminhadas para famílias substitutas, provisórias ou definitivas (LUVIZARO; GALHEIGO, 2011).

Neste contexto, a terapia ocupacional pode atuar de forma favorável, mesmo deparando-se com situações desafiadoras, já que a experiência e a participação neste ambiente ainda são restritas. A ação do terapeuta ocupacional dependerá da proposta de organização da instituição e da equipe multiprofissional atuante, podendo realizar ações territoriais, familiares, institucionais, grupais e individuais. Segundo Galheigo (2003, p. 92) a terapia ocupacional em instituições infanto-juvenis deve incentivar iniciativas com “atividades grupais que venham a trabalhar o fortalecimento dos vínculos ou facilitar a dinâmica operativa do cotidiano institucional”.

A terapia ocupacional pode incorporar em seus estudos a subjetividade, ou seja, os modos de pensar, agir e sentir, conseguindo assumir as diferentes formas de organização do sujeito, as atividades, o estabelecimento de vínculos e pontes com família, com a comunidade e outras dimensões. Para Liberman (1998) a terapia ocupacional tem como instrumento de sua atuação a atividade, que é realizada por meio da comunicação não-verbal, como trabalhos manuais e outros trabalhos corporais (teatro, dança). Dessa maneira, pode utilizar a dança como instrumento em seus atendimentos.

De acordo com Liberato e Dimenstein (2009 apud MOLEHLECKE, 2005, p. 167) a dança “é a superação do próprio corpo, visto que este se desprende de uma identidade e experimenta novos contornos, acoplamentos e fluxos de energia”. Portanto, no contexto de institucionalização, ela pode ser usada pela terapia ocupacional para proporcionar melhora da autoestima e da expressão, já que esta pode possibilitar novas descobertas sobre si mesmo, mostrando potencialidades, dificuldades e meios para supera-las. Além disso, a dança propicia interação social, fortalecendo vínculos que podem trazer benefícios para o emocional de jovens institucionalizados.

Apesar de inúmeras pesquisas falando das diferentes e das imensas características positivas da dança, ainda permeia na sociedade, segundo Marques (2003), certo receio do trabalho realizado com o corpo, que é tido apenas como recreação, vaidade ou modismo. De acordo com Negrine (2002) práticas corporais não são vistas como fator de desenvolvimento e aprendizagem, e não são consideradas como meio de saúde no sentido amplo do termo. Mas, é possível entender que a interação do homem com o mundo ocorre através do seu corpo em movimento, podendo ser manifestado por meio da dança.

Esta pesquisa surge com o objetivo de descrever e de discutir a intervenção do terapeuta ocupacional utilizando a dança e a pintura como recurso terapêutico, no contexto da institucionalização com grupos de adolescentes. Além de observar a possível melhora da autoestima e da expressão após os grupos de terapia ocupacional, e descrever o significado desses grupos para os adolescentes.

## 2 MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo realizada em um abrigo institucional para crianças e adolescentes, localizado em Lagarto, cidade localizada no interior do Estado de Sergipe. A pesquisa qualitativa envolve trabalhar os

significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, de forma a se aprofundar nas relações, dos processos e fenômenos os quais não devem ser reduzidos (MINAYO, 1992).

O abrigo institucional tem sua própria sede que fica localizada num bairro próximo ao centro da cidade de Lagarto. A instituição acolheu quatro crianças, dois do sexo masculino e dois do sexo feminino e seis adolescentes, três do sexo masculino e três do sexo feminino. Elatem capacidade de acolher até 20 jovens, e o fluxo é dinâmico, já que o objetivo é que este jovem retorne ao ambiente familiar, seja aquela família de laços consanguíneos ou não.

O estudo teve como critério de inclusão: adolescentes que residam no abrigo institucional e tivessem idade entre 12 a 18 anos.

Foram realizados 10 encontros, uma vez por semana, com duração de 2 horas, por um período de três meses, sendo que no décimo encontro ocorreu a apresentação das coreografias ensaiadas durante os encontros anteriores. Os materiais utilizados nos encontros de dança foram som, fitas de seda, sapatilhas para dança e roupas para dança. Para as atividades de pintura os materiais utilizados foram tinta, pinceis e papel. Em todos os encontros foram realizadas atividades de dança e pintura.

Utilizou-se de recursos audiovisuais para registrar os encontros. As danças eram filmadas, para perceber melhor como se deu a dinâmica dos participantes. As atividades de pintura foram realizadas gravações de áudio para auxiliar na transcrição das falas dos participantes. Ao final de cada encontro as pesquisadoras relatavam suas impressões do grupo através de relatório e transcrições das falas.

A cada encontro foram propostos temas para que os participantes realizassem suas pinturas. Os temas foram (exceto sétimo e décimo que não houve pintura):

<i>Encontro</i>	<i>Temas</i>
1	<i>Como você se sente hoje?</i>
2	<i>Qual o seu maior sonho?</i>
3	<i>O que lhe faz feliz?</i>
4	<i>O que lhe faz sentir medo?</i>
5	<i>O que você espera do futuro?</i>
6	<i>Quais são suas qualidades?</i>
7	<i>(Sem momento da pintura)</i>
8	<i>Do que você sente falta?</i>
9	<i>O que significou estes encontros para você?</i>
10	<i>(Sem momento de pintura)</i>

A principal questão ética dessa pesquisa refere-se à garantia de anonimato dos entrevistados, sendo compromisso assumido pelos pesquisadores. A pesquisa foi

autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) com o número de aprovação CAAE: 2.383.126. Sendo que a coleta de dados só foi iniciada após aceite da coordenação do abrigo e aprovação do CEP. Inicialmente, houve um encontro com a coordenadora sobre os autos dos processos de cada participante, além da assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.

É válido mencionar que este artigo foi construído baseado no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da autora HMBC.

### 3 RESULTADOS

Participaram da pesquisa seis adolescentes, sendo três do sexo masculino e três do sexo feminino. A participação no grupo aconteceu de forma espontânea, caracterizando-se como um grupo aberto. O grupo iniciou com 5 participantes (três do sexo masculino e dois do sexo feminino), a partir do terceiro encontro uma adolescente se inseriu no grupo, entretanto, participou apenas de mais dois encontros. No décimo encontro, onde apresentou-se as coreografias somente os cinco adolescentes (três do sexo masculino dois 2 do sexo feminino) os mesmos que iniciaram o grupo se apresentaram.

A coleta da história de vida dos participantes foi realizada por meio de uma conversa com a coordenadora do abrigo institucional. Foram utilizados nomes fictícios para a preservação da identidade e dos direitos dos adolescentes.

- ALLAN, 15 anos, está há 6 anos na instituição e sofreu negligência por parte da mãe. Seu pai é falecido e passou pelo processo de reinserção familiar, no entanto, não foi bem-sucedida, aguarda determinação judicial.
- BRUNO, 16 anos, está há 6 anos na instituição, também sofreu negligência por parte da mãe e seu pai é falecido. Houve tentativas de reinserção familiar, entretanto não foram bem-sucedidas.
- LEANDRO, 13 anos, está a 6 anos na instituição e também está no abrigo por ter sofrido negligência por parte da mãe. Seu pai é falecido e também passou pelo processo de reinserção familiar, entretanto não foi bem-sucedida. Aguarda determinação judicial. Leandro, Allan e Bruno são irmãos.
- CARLA, 14 anos, possui um filho de 6 meses, residia com a irmã que a denunciou ao Conselho Tutelar por maus-tratos ao filho. Inicialmente, o filho foi levado para o abrigo, alguns dias depois, ela foi levada como medida preventiva. Eles permaneceram no abrigo pelo período de 4 meses e hoje já estão de volta ao

ambiente familiar.

- RUTE, 18 anos, chegou ao abrigo quando tinha 12 anos por ter sofrido negligência por parte da mãe. Permaneceu no abrigo até sua maioridade pois sua mãe abriu mão de sua guarda e nenhum parente próximo poderia assumir a responsabilidade.
- ELIANE, 17 anos, chegou ao abrigo a aproximadamente 2 anos. Sua guarda pertencia a sua mãe adotiva. Passou por alguns problemas em sua relação com a mãe, por isso foi levada ao abrigo e hoje está passando pelo processo de reinserção familiar indo aos finais de semana para a casa de sua mãe adotiva.

A seguir seguem as informações coletadas a partir das atividades expressivas. No sétimo encontro não foi realizada a atividade expressiva de pintura pois as pesquisadoras sentiram a necessidade de realizar uma aula de dança com professor do sexo masculino, pois os meninos encontravam-se desmotivados por considerarem que “dança é só para meninas”. No entanto, apesar de todos terem gostado da atividade, sentiram falta da pintura. No décimo encontro, não houve pintura porque foi realizada uma apresentação pública das coreografias em um evento na Universidade Federal de Sergipe (UFS).

### 3.1 PRIMEIRO ENCONTRO: “VIVER E NÃO TER A VERGONHA DE SER FELIZ, CANTAR E CANTAR A BELEZA DE SER UM ETERNO APRENDIZ...” – COMO VOCÊ SE SENTE HOJE?

Neste primeiro momento foram colocados os objetivos da pesquisa e estabelecido um contrato terapêutico. Em seguida, realizou-se um alongamento e a “Dinâmica do Espelho”, em que um participante fica de frente para outro, um deles dança e o outro reproduz o mesmo movimento. Ao término da dinâmica, iniciou-se o ensaio da coreografia da música “Aquarela-Toquinho”, escolhida pelos próprios participantes dentre as opções oferecidas. A atividade de dança foi finalizada com relaxamento corporal. Os participantes apresentavam-se inicialmente tímidos, e no decorrer do encontro se dispersaram e precisaram de incentivo para continuar a atividade, entretanto, colaboraram com a montagem da coreografia.



Figura 1: Pintura referente ao primeiro encontro de um dos participantes.



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Ao iniciar um diálogo mais próximo percebia-se a necessidade de atenção de alguns participantes, e em outros a dificuldade de interagir com pessoas novas, bem como de expor opiniões e pensamentos, não aprofundando no sentido do tema para não trazer seus sentimentos internos, resultando na maior parte do tempo em falas curtas. A maioria retratou estar feliz naquele momento e antes dele:

*“[...] aqui é minha casa no campo [...] essa é outra casa que eu quero ter quando crescer. Hoje foi bom” (Allan)*

*“ [...] eu achei bom que eu me diverti com a dança. Antes eu estava feliz também, mas conseguimos se relacionar melhor...” (Carla).*

*“[...] eu estou feliz porque a gente se divertiu e interagiu...” (Rute)*

### 3.2 SEGUNDO ENCONTRO: “SONHAR MAIS UM SONHO IMPOSSÍVEL, LUTAR QUANDO É FÁCIL CEDER, VENCER O INIMIGO INVENCÍVEL, NEGAR QUANDO A REGRA É VENDER”- QUAL O SEU MAIOR SONHO?

Foi realizado aquecimento, dinâmica, ensaio da coreografia e relaxamento corporal. A dinâmica do dia teve como objetivo principal diminuir a timidez dos participantes. Eles teriam que tocar apenas duas partes do corpo no chão fazendo posições engraçadas. Os do sexo masculino apresentaram-se eufóricos e a todo momento buscavam atenção do grupo.

Três acontecimentos foram relevantes neste encontro. Primeiro: Eliane foi caçoada em alguns momentos e os pesquisadores precisaram intervir. Durante a atividade de pintura várias vezes a mesma participante apresentou um discurso negativo sobre si. O segundo foi o comportamento de Rute, ela aparentava estar preocupada durante todo o grupo e muitas vezes dispersa. Após o encontro, uma funcionária relatou que ela estava se preparando para deixar o abrigo, pois em breve completaria 18 anos, e não teria onde morar. Rute representou em sua fala, o que deseja para o seu futuro, algo que parece consolidado em sua cabeça, que já são mais que sonhos, são metas. E o

terceiro, foi a explanação da participante Carla, que colocou um sonho que, segundo ela, nunca havia revelado, surpreendendo a todos, pois a mesma dificilmente fala de si mesma, permanecendo a maior parte do tempo calada, não expondo suas vontades.

*“[...] trabalhar, terminar meus estudos, ser aprovada no ENEM, ter minha casa própria, estabilidade financeira e aí vai. [...] eu estou em dúvida entre psicologia e enfermagem...” (Rute).*

*“[...] eu quero ser cozinheira. [...] eu gosto de fazer lasanha. [...] eu não sei fazer doce não...” (Carla).*

*“[...] meu sonho é ser jogador e ter um campo...” (Bruno). “[...] eu tenho o sonho de ser socorrista e bailarina...” (Eliane).*

### 3.3 TERCEIRO ENCONTRO: “FELICIDADE É SÓ QUESTÃO DE SER” – O QUE LHE FAZ FELIZ?

Foi feito novamente todo processo de preparação, ensaio, relaxamento e dinâmica de dança livre, onde eles dançaram de forma espontânea uma música lenta. Alguns participantes apresentaram-se pouco tímidos, principalmente no momento da dinâmica, e outros buscaram chamar a atenção do grupo. Rute demonstrou muita timidez e aparentava ainda estar preocupada, interagiu pouco permanecendo em silêncio a maior parte do encontro.

Figura 3: Pintura referente ao terceiro encontro de um dos participantes.



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Bruno apresentou-se eufórico conversando durante a atividade e sobre o que o fazia feliz. Neste encontro Allan aprofundou-se melhor no que buscou descrever em sua pintura, falando de forma aberta sem medo de demonstrar afeto por algumas pessoas que, segundo ele, o fazem feliz. Ambos evoluíram com relação a expressão dos sentimentos já que sempre tiveram um comportamento disperso, tentando não trazer muito o que realmente sentiam.

*“ [...] aqui é uma bola de futebol, que eu gosto também de jogar, né? Eu sou zagueiro, eu só posso fazer gol de pé ou de cabeça. E eu só gosto de participar, entrar como titular...” (Bruno).*

*“[...] aqui é minha alegria, mas minha alegria não é só isso. Tem minha família, tem meus amigos de lá do colégio [...] Minha família é “eles daí” e minha mãe...” (Allan).*

*“[...] eu coloquei que eu gosto muito de dançar. [...]eu aprendo coisas novas com vocês, me sentindo melhor...” (Carla).*

### 3.4 QUARTO ENCONTRO: “EI MEDO...EU NÃO LHE ESCUTO MAIS, VOCÊ NÃO ME LEVA A NADA”- O QUE LHE FAZ SENTIR MEDO?

Foi realizada a mesma dinâmica do terceiro encontro e o mesmo processo na dança. O objetivo desta temática era que fossem colocados seus medos que possivelmente poderiam estar interferindo na sua expressão e autoestima. Eles tiveram menos dificuldade de realizar gestos durante a música, o que indica que a timidez estava diminuindo durante os encontros.

Figura 4: Pintura referente ao quarto encontro de uma das participantes.



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Durante a atividade da pintura houve temores como: não conseguir ser independente, medo de animais, do escuro, da morte, de perder a família, da violência e de ladrões, ou seja, medos reais e medos abstratos que podem estar associados a institucionalização, que vem acompanhados de vários sentimentos inerentes ao processo de separação da família.

*“ [...] eu tenho medo de perder meu filho e minha mãe. [...] eu tenho medo de amar e de sofrer...” (Carla).*

*“[...] eu tenho medo da morte, de perder minha família e de cobra...” (Allan).*

*“[...] eu tenho medo de não viver a vida normal como todo mundo. De perder uma perna e não conseguir fazer as coisas que eu gosto de fazer...” (Leandro).*

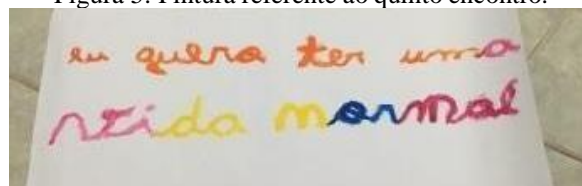
*“[...] eu tenho medo de violência e de ladrão...” (Eliane).*

*“[...] eu tenho medo de escuridão [...] quando eu sonho com coisas ruins eu fico procurando assim... no escuro. Aí eu chego e fico escondidinho me tremendo de medo. ” (Bruno)*

### 3.5 QUINTO ENCONTRO: “AMANHÃ VAI SER MELHOR QUE HOJE! NOVOS SONHOS AO AMANHECER” – O QUE VOCÊ ESPERA DO FUTURO?

Neste encontro foi inserida mais uma coreografia para a apresentação. A música utilizada foi a “*All Star- Smash Mouth*“, escolhida pelos participantes. Foi realizada a “Dinâmica do Boneco” na qual um participante fica de frente para o outro, um deles é o boneco e o outro pode movimentar seus membros colocando-o de pé, sentado, entre outras posições e posturas corporais. Os adolescentes demonstraram resistência ao toque, sentindo-semuitas vezes envergonhados.

Figura 5: Pintura referente ao quinto encontro.



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

O objetivo da pintura era que os participantes demonstrassem suas esperanças e seus medos com relação ao futuro e quais planos tinham para si. Todos desmontaram o desejo de construir uma família, uma vida profissional e ter bens materiais. Foi ratificada a importância do estudo para a realização desses objetivos. Rute traz, novamente, as metas/sonhos pintadas no segundo encontro. Significa que, estes objetivos são muito importantes para ela. Em sua fala é possível perceber que este planejamento rege sua vida e suas atitudes. Carla faz o desenho, mas prefere não falar sobre, no entanto escreve que gostaria de ter um trabalho e construir sua casa. Leandro traz o desejo de construir um futuro sólido, o que ele demonstra ser importante e necessário em sua vida, pois busca por segurança.

*“[...] eu quero ter uma vida normal. Ter uma casinha, [...] ter uma família, ter um carro, ter um filho, tudo planejado, para eu ficar tranquilo e seguro...” (Leandro).*

*“[...] eu fiz uma escada [...] porque tudo que a gente “tá” fazendo hoje, ou seja, estudando ou outras coisas a gente tá fazendo isso porque a gente tem metas e objetivos, então eu coloquei esses “degrauzinhos” representando todas as minhas metas e objetivos e onde eu quero chegar. [...] Estabilidade financeira, entrar na faculdade, trabalhar, ter um filho, construir aos poucos, eu acho que o que a gente “tá” plantando hoje a gente colhe...” (Rute).*

*“[...] estudar, dá uma casa pra minha mãe, morar perto da praia...” (Eliane). “[...] ter uma casa, um carro, uma mulher, três filhos ou dois...” (Allan).*

### 3.6 SEXTO ENCONTRO: “SEI QUE MINHAS QUALIDADES COBREM MEUS DEFEITOS ” – QUAIS SÃO SUAS QUALIDADES?

Nesse encontro, o objetivo da pintura era que os participantes identificassem e refletissem sobre suas qualidades. Eles colocaram de forma objetiva e superficial qualidades como “ser otimista, bondoso, bom no futebol, ter amor aos amigos e esperança”.

Figura 6: Pintura referente ao sexto encontro de um dos participantes.



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Leandro inicialmente disse que não tinha qualidades, então os pesquisadores ajudaram-no a refletir e encontra-las. Então ele conseguiu identificar que nunca desiste das coisas, como no futebol, mesmo errando não desiste de fazer gol, portanto sua qualidade era “não desistir nunca de nada”, ele ficou muito feliz em descobrir que tinha essa qualidade.

*“[...] minha qualidade é não desistir nunca de nada...”*

*(Leandro). “[...] minha qualidade é ajudar e ser solidária...”*

*(Eliane).*

*“[...] ter amor com os amigos e jogar bola...” (Allan).*

*“[...] a minha é ajudar as pessoas e ser bondosa...” (Carla).*

*“[...] minha qualidade é ser otimista. [...] às vezes eu sou. Mas sempre tentoser...” (Rute).*

*“[...] minhas qualidades “é” ser bondoso e ter amor e esperança...” (Bruno).*

### 3.7 SÉTIMO ENCONTRO: “DANÇA É SÓ PARA MENINAS!” – ENCONTRO COM UM PROFESSOR.

Neste dia não houve pintura, pois houve a necessidade de um encontro com professor de dança do sexo masculino. Os meninos estavam eufóricos e foram muito participativos. Inicialmente, Carla participou da aula, mas sentiu-se inibida com a presença do professor e em determinado momento desistiu de continuar dançando.

As falas dos meninos chamaram a atenção das pesquisadoras. Eles trouxeram um discurso sobre masculinidade relacionado a dança de forma positiva. Isto aconteceu pela primeira vez. Sempre se queixavam das roupas e das sapatilhas, relacionando a

dança a algosó para mulheres. Este momento influenciou positivamente os encontros seguintes pois criou uma maior aceitação do figurino e conseqüentemente dos ensaios.

*“[...] esse professor dança bem. Eu gostei! [...], mas porque ele usa sapato e agente usa sapatilha de ballet? (Bruno).*

*“ Ele é homem de verdade, todo musculoso...” (Leandro).*

### 3.8 OITAVO ENCONTRO: “TENHO RAZÃO DE SENTIR SAUDADE” – DO QUE VOCÊ SENTE FALTA?

No momento da atividade de dança, Bruno apresentou-se inquieto e demonstrou dificuldade em se concentrar, interferindo na concentração dos demais. Os participantes foram incentivados a irem até a frente de todos para dançar (como um professor de dança), servindo de referência para demais. Esta estratégia foi usada para estimular maior concentração durante o ensaio. A pintura teve como objetivo expressar de que ou quem os participantes sentiam falta. Alguns desmontaram sentir saudade de funcionários do abrigo, da família e de jogar bola.

*“[...] trabalhar, terminar meus estudos, ser aprovada no ENEM, ter minha casa própria, estabilidade financeira e aí vai. [...] eu estou em dúvida entre psicologia e enfermagem...” (Rute).*

### 3.9 NONO ENCONTRO: “CADA UM SENTE E DEMONSTRA DE UM JEITO...” – O QUE SIGNIFICOU ESTES ENCONTROS PARA VOCÊ?

A temática do desenho neste dia era identificar os benefícios e as mudanças ocasionadas pelos encontros. Os participantes demonstraram sentimentos como alegria e emoção, mas tristeza por estar terminando. Leandro relatou que no início dos encontros sentia tristeza porque para participar precisava faltar aos treinos na escolinha de futebol, mas que depois não tinha problema, pois gostava muito de estar ali. Rute relatou que os encontros lhe trouxeram mudanças no seu comportamento como: se sentia mais confiante e menos tímida, conseguindo falar de seus sentimentos. Allan comentou que a dança o deixou com uma melhor coordenação e que aprendeu a respeitar os limites dos colegas.

Figura 7: Pintura referente ao nono encontro.



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

*“[...] no início eu não gostava não, sentia tristeza porque tinha que faltar a escolinha. Mas depois eu gostei, foi legal, pois gosto muito de ficar com vocês...” (Leandro).*

*“[...] eu senti alegria desde o início. Eu era tímida e agora “tô” melhor. A palavra que descreve mesmo é gratidão. E agora que “tá” acabando vai deixar saudade...” (Rute).*

*“[...] eu senti alegria e amor. A dança é ótima, maravilhosa. (...) aprendi a ter mais respeito e meu corpo ficou mais mole (risos). Eu não tive vergonha de dançar...” (Allan).*

*“[...] eu senti muita alegria e emoção na dança. Deixei até o corpo mais molinho...” (Carla).*

### 3.10 DÉCIMO ENCONTRO: “CADA UM SENTE E DEMONSTRA DE UM JEITO...” – O QUE SIGNIFICOU ESTES ENCONTROS PARA VOCÊ?

No último dia aconteceu a apresentação das duas coreografias ensaiadas anteriormente na UFS– Campus Lagarto, no mesmo município onde o abrigo institucional está localizado. O evento foi organizado pelo Departamento do curso de Terapia Ocupacional – II Simpósio Sergipano de Terapia Ocupacional.

O objetivo da apresentação era proporcionar a experimentação do sentimento de autoconfiança e de valorização, que podem contribuir para a melhora da autoestima e da expressão. Ao entrarem no local, os participantes ficaram retraídos e envergonhados, devido a quantidade de pessoas que ali se encontravam. Entretanto, todos subiram no palco um pouco tímidos, mas confiantes. Ao iniciar a dança, demonstravam segurança e felicidade. Todos relataram estarem felizes pelo resultado e demonstraram anseio de continuar a dançar. Estas sensações e desejos foram observados nas falas:

*“[...] hoje eu realizei meu sonho! Quando a gente vai dançar de novo? [...]” (Carla).*

*“[...] foi muito legal hoje! Vai ter mais dança? Vocês vão voltar né?! Me senti muito bem, como se realmente eu fosse um artista, um profissional. Tô muito feliz[...].” (Leandro).*

*“[...] Professora! Professora! Foi muita “massa”! Todo mundo bateu palma para a gente!” [...]” (Bruno)*

*“Eu fiquei com tanta vergonha que não consegui nem sorrir! (Risos) “Mais” foi muito bom. Estou me sentindo com o dever cumprido! [...]” (Rute)*

#### 4 DISCUSSÃO

A pintura e a dança foram importantes recursos, pois nem sempre é possível identificar e refletir sobre os acontecimentos dos encontros somente por meio de um deles, ambos perpassaram entre si, como um conjunto de características individuais. Segundo Valladares et al. (2003) todos podem e devem expressar seus conflitos internos por meio das atividades expressivas, indiferente de qual atividade vai utilizar.

Castro (2006) traz que, através da dança e dos movimentos que realiza, o sujeito expressa algo de si. A dança tem a possibilidade de expor anseios, pensamentos e sensações. Isto ficou nítido nas falas de Carla durante os encontros quando relatou seu desejo de ser cozinheira, seu medo de amar e a saudade que sente de estudar.

No segundo encontro é possível observar nas falas dos participantes, que apesar de todas as dificuldades enfrentadas no passado e até hoje, todos os adolescentes continuam com seus sonhos vivos. Sonhos estes que perpassam pelas ideias infantis e outros como de Rute que são metas necessárias para o que está vivendo no momento. É válido mencionar que na adolescência há confronto entre as fantasias e identificações da infância e as exigências reais, por ser uma fase de transição (ALMEIDA; PINHO, 2008).

Castro (2006) aponta que, através da dança, é possível “acordar o movimento expressivo” que se refere ao mundo interior que se transforma em gestos e expressão de ideias, sentimentos, sensações e conteúdos inconscientes. Algo a ser pontuado é que foi possível visualizar este “movimento expressivo” nos momentos da dança e da pintura. A cada encontro os participantes conseguiram expressar melhor seus sentimentos relacionando-os aos temas propostos durante as atividades, relatando de forma mais profunda suas reflexões. Isto foi observado, por exemplo, no comportamento de Rute durante os encontros e por seu relato em que fala que “*no início era muito tímida e hoje se expressa muito melhor*”.

No quarto encontro, Carla demonstrou claramente medos profundos relacionados a perdas e sentimentos não correspondidos. O que isto significa para uma moça, tão jovem que já é mãe? Por que será que ela tem medo de amar? Será que ela recebeu amor? Esse assunto foi discutido entre os participantes e a maioria se identificou com esses sentimentos. Allan trouxe o medo de coisas que estão acima do controle, como a morte. Mas, o medo que mais chamou a atenção foi o de perder a família, dito por Allan. Mas, quando um outro adolescente pergunta a ele: “*Quem é a sua família?*” Antes de qualquer resposta um dos seus irmãos que estava participando da atividade diz



“*Família, medo de perder a família, mas que família? Eunão tenho família! [...]*”. Allan permanece quieto e abaixa a cabeça. Esta fala traz uma reflexão... o quanto o ambiente institucional contribui para a relação familiar?

Barreto (2004, p. 2) traz que “dançar é expressar emoções por meio do corpo”. Nos terceiro e quarto encontros foi proposta a dinâmica da “dança livre”, nas quais foram identificadas diferenças no comportamento dos adolescentes. No terceiro encontro eles apresentaram-se tímidos, realizavam poucos gestos para se expressar, já no quarto encontro quando se repetiu a dinâmica, o comportamento foi diferente do anterior, os participantes utilizaram mais o espaço, realizaram mais gestos e passos diferentes, demonstrando-se à vontade durante a atividade.

Liberman (2010, p.71) afirma que “pequenos acontecimentos podem reverberar em outros jeitos de funcionar, viver e apresentar-se frente às pessoas, criando realidades diferentes”, sendo que as frustrações são comuns na dança, às vezes, a execução não sai como esperava ou é necessário a troca de um passo. No sétimo encontro isso foi percebido por Allan, que ficou frustrado com a mudança dos passos na coreografia, pensando até em desistir. Assim, é necessário enfrentar essas frustrações para continuar a dançar.

No oitavo encontro Carla relata algo muito complexo, que envolve o fato de ter sido mãe durante a adolescência. Sabe-se que a adolescência é uma fase cheia de peculiaridades, atrelada a maternidade e a um contexto de vulnerabilidade. O que se passa na cabeça de Carla? O que acontece com sua expressão e autoestima? Ela relata a maternidade em várias das suas pinturas e este fato parece impedi-la de realizar vários desejos seus, pois acredita que só pode pensar em seu filho e não mais nela. Allan coloca a falta que sente da família e mais uma vez, um dos irmãos se pronuncia dizendo que se sente sozinho e que sente que não tem irmãos. E quando as pesquisadoras se referenciaram aos outros irmãos como pessoas com quem ele pode contar, ele colocou que: “*estes são só amigos [...] bom é apenas Deus*”. O vínculo destes irmãos foi fragilizado. Como? Por quê? Esta fala traz mais reflexões sobre a relação familiar dentro de um ambiente que não é tão familiar para eles.

Nos primeiros encontros era nítida a timidez, principalmente nas meninas, elas permaneciam caladas, e quando eram colocadas a frente para dançar, sentiam-se inibidas. Ao longo do tempo, e a partir de incentivos, elas conseguiram maior participação, colaborando na montagem da coreografia e colocando suas opiniões. Nos meninos a evolução foi mais lenta já que o comportamento apresentado era a busca de

atenção das pessoas presentes. Ao passar dos encontros, percebeu-se uma diminuição desse comportamento, tendo uma mudança para apreocupação de aprender os passos e a coreografia e utilizar o momento do desenho para realmente conseguir falar de si.

Segundo Robatto (1994), a dança apresenta seis funções principais como autoexpressão, comunicabilidade, divertimento e prazer, caracterização cultural, revitalização social e a espiritualidade. Tem também forte poder motivador, quer seja praticada individualmente, em par ou em grupo; seja idoso, adulto ou criança, seja do gênero masculino ou feminino. É uma atividade praticada para toda a vida e que consegue melhorar e/ou aprimorar as interações sociais.

Segundo o relato dos participantes houve um aumento na autoestima, na expressão e na melhora comportamento entre eles. Entretanto, cada um foi tocado e modificado por estes encontros de forma singular, através da exposição de sonhos, medos e expectativas de forma diferentes um do outro. Liberman (2010) discute isto em uma de suas experiências, dizendo que ao incentivar os participantes a falarem de suas sensações e impressões é possível perceber os quão singulares são, pois as respostas são muito diferentes, mesmo falando de um mesmo fator, pois isto tem a ver como este momento afetou cada um deles e como cada um experimentou este momento.

## 5 CONCLUSÃO

É válido ressaltar o quanto é importante a inserção do terapeuta ocupacional nas instituições para crianças e adolescentes, já que este profissional está apto a levantar demandas e intervir de forma eficaz, pois devido a sua formação consegue perceber o sujeito como ser biopsicossocial. É necessário dizer que a dança pode ser um recurso utilizado nos atendimentos da terapia ocupacional, já que é uma ferramenta potencializada da expressão e promotora de habilidades internas do sujeito, o que possibilita a experimentação de novas sensações e vivências. A pintura também foi um recurso de extrema importância durante os encontros, já que ela possibilitou aos participantes *externalizar* o que foi vivenciado na dança durante cada encontro.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. G. G.; PINHO, L. V. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. *Psicologia Clínica*, v. 20, n. 2, Rio de Janeiro, 2008.
- BARRETO, D. Dança...: ensino, sentidos e possibilidades na escola - Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- BRITO, A. M. M.; ZANETTA, D. M. T.; MENDONÇA, R. DE C. V.; BARISON, S. Z.; ANDRADE, V. A. G. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: estudo de um programa de intervenção. *Ciência e saúde coletiva*, v.10, n.1, p.143-149, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a15v10n1.pdf>. Acesso em: 15 de maio 2017.
- CASTRO, E. Dança, Corporeidade e Saúde Mental: Experimentações em Terapia Ocupacional. Em Arcuri, I. (org.), *Arteterapia de Corpo e Alma*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006
- CAVALCANTE, L. I. C.; MAGALHÃES, C. M. C. ; PONTES, F. A. R. Institucionalização precoce e prolongada de crianças: discutindo aspectos decisivos para o desenvolvimento. *Aletheia*, n.25, p.20-34, jan./jun. 2007.
- CAVALCANTE, L. I. C.; MAGALHÃES, C. M. C.; REIS, D. C. dos. Análise Comparativa do Perfil de Crianças em Acompanhamento Institucional nos anos de 2004 e 2009. *Pscico*.v.45, n.1, pp 90-99, Jan/Mar. 2014.
- FERREIRA, Frederico Poley Martins. Crianças e adolescentes em abrigos: uma regionalização para Minas Gerais. *Serv. Soc. Soc.* [online]. 2014, n.117, pp.142-168. ISSN 0101-6628. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-66282014000100009>.
- GALHEIGO; Sandra Maria. O Abrigo para Crianças e Adolescentes: Considerações Acerca do Papel da terapia Ocupacional. *Ver. Ter. Ocup. Uni-SP*. v. 14, n. 12, p.85-94. Mai./Ago. 2003.
- LIBERATO; M. T. C.; DIMENSTEIN, M. Experimentações entre Dança e Saúde Mental. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21 – n. 1, p. 163-176, Jan/Abr. 2009.
- LIBERMAN, F. *Danças em Terapia Ocupacional*, São Paulo: Summus, 1998.
- LIBERMAN, F. Delicadas Coreografias: Apontamentos sobre o corpo e Procedimentos em uma Terapia Ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos. V. 18, n 1; p 67-76. Jan-Abr 2010.
- LUVIZARO, N. A; GALHEIGO, S. M. Considerações sobre o cotidiano e o habitar de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional em abrigo. *Revista de*

Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, v.22, n.2, p.191-199, maio/ago.2011.  
MARQUES, I. A. Dançando na escola. São Paulo. Cortez, 2003.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec/ABRASCO, 1992.

MOEHLECKE, V. O dançar do corpo: experimentações rebeldes no contemporâneo. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005  
NEGRINE, A. O corpo na educação infantil. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

NOAL, J; NEIVA-SILVA, L. Adoção, adoção tardia e apadrinhamento afetivo: intervenções em relação a crianças e adolescentes vítimas de abandono e institucionalizadas. In: HUTZ,

C.S. (Org.). Prevenção e intervenção em situações de risco e vulnerabilidade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

ROBATTO, L. Dança em processo: a linguagem do indizível. 1ª Edição. Ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA; 1994.

SAAD, B; VILLARREAL, G. Caracterização do problema do menor abandonado. In: FREIRE, F. (Org.). Abandono e adoção: contribuições para uma cultura da adoção. Curitiba: Terre des Hommes, 1991, p. 34-36.

VALLADARES, A. C. A.; LAPPANN-BOTTI, N. C.; MELLO, R.; KANTORSKI, L. P.;

SCATENA, M. C. M. Reabilitação psicossocial através das oficinas terapêuticas e/ou cooperativas sociais. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 5 n. 1 p. 04 – 09, 2003. Disponível em <http://www.fen.ufg.br/Revista>.

YUNES, M. A., MIRANDA, A. T., CUELLO, S. S.; ADORNO, R. S. A história das instituições de abrigo às crianças e concepções de desenvolvimento infantil [Resumo]. In: Sociedade Brasileira de Psicologia (Ed.), Resumos de comunicações científicas, XXXII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia (pp.213-214).